

DOI: <https://doi.org/10.61895/pl.v17i33.19813>

PROTESTANTISMO E INDÚSTRIA: MICHEL CHEVALIER E OS ESTADOS UNIDOS DA DÉCADA DE 1830

Valdir Donizete dos Santos Junior

Doutor em História Social pela USP

Professor Instituto Federal de São Paulo (IFSP)

Email: valdiridsjr@gmail.com

Resumo

Este artigo tem por objetivo discutir as relações entre protestantismo e desenvolvimento econômico nos Estados Unidos. Max Weber, em diversas de suas obras, mas principalmente em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, afirmava a relação intrínseca entre o ascetismo dos adeptos das igrejas reformadas, a exaltação de uma “ética” do trabalho e o êxito das práticas capitalistas. Essa interpretação, considerada ainda hoje como uma das matrizes do pensamento sociológico, já podia ser encontrada no início do século XIX em diversos autores, entre os quais o francês Michel Chevalier. Esse autor defendia a relação direta entre práticas religiosas e êxito industrial. Essa concepção a respeito do protestantismo se constituiu como uma espécie de “mitologia” da nação nos Estados Unidos e elemento central para a formulação de uma identidade nacional naquele país. Este trabalho busca, portanto, evidenciar o poder, a permanência e o caráter de longa duração dessas interpretações, utilizadas, muitas vezes, ainda hoje para explicar o pretenso sucesso econômico norte-americano com frequência em comparação com outras nações, especialmente as latino-americanas.

Palavras-Chave: Protestantismo, Capitalismo, Estados Unidos, Max Weber, Michel Chevalier.

PROTESTANTISM AND INDUSTRY: MICHEL CHEVALIER AND THE UNITED STATES IN THE 1830's

Summary:

This article aims to discuss the relationship between Protestantism and economic development in the United States. Max Weber, in several of his works, but mainly in *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*, affirmed the intrinsic relationship between the asceticism of the followers of the Reformed churches, the exaltation of a work “ethic” and the success of capitalist practices. This interpretation, still considered today as one of the matrices of sociological thought, could already be found at the beginning of the 19th century in several authors, including the Frenchman Michel Chevalier. This author defended

Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 17, n. 33, jul. - dez. 2023
ISSN: 1982 -193X



the direct relationship between religious practices and industrial success. This conception of Protestantism constituted a kind of “mythology” of the nation in the United States and a central element for the formulation of a national identity in that country. This work seeks, therefore, to highlight the power, permanence, and long-term nature of these interpretations, often used even today to explain the alleged North American economic success, often in comparison with other nations, especially the Latin Americans nations.

Keywords: Protestantism, Capitalism, United States, Max Weber, Michel Chevalier.

Introdução

O protestantismo se constitui como um dos elementos centrais para a compreensão da formação histórica, social, política, cultural e intelectual dos Estados Unidos da América, bem como um dos fundamentos basilares e fundadores da identidade nacional norte-americana. Como já destacaram diversos autores, a religião ocupou – e ocupa ainda hoje – um papel central na vida política daquele país, constituindo-se como uma temática recorrente no debate público e nos embates sociais estadunidenses (Bercovich, 1978; Noll, 1990; Azevedo, 2001; Silva, 2009; Schamway, 2002).

A onipresença do protestantismo na América do Norte desde o período colonial tem impactado não somente as interpretações dos historiadores e cientistas sociais sobre a política, sociedade e a cultura daquele país, mas também tem contribuído para a formulação de explicações econômicas em torno do rápido avanço do capitalismo nos Estados Unidos. Para os partidários dessa perspectiva, a sedimentação da doutrina e da ética protestante teria se constituído como um dos alicerces mais relevantes da república norte-americana. O logro do êxito econômico em um país fortemente vinculado às igrejas reformadas seria, nesse sentido, o maior exemplo das relações entre religiosidade e o processo progressivo de acumulação de capital. A versão mais célebre e influente dessa tese pode ser encontrada no clássico *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, publicado inicialmente em dois volumes entre 1904 e 1905, de autoria do sociólogo alemão Max Weber (1864-1920) (Weber, 2004).

Considerando essas questões, este artigo tem por objetivo discutir, a partir da perspectiva da “longa duração”, a construção de uma interpretação que buscou associar a presença marcante do protestantismo na vida social e cultural dos Estados Unidos à difusão de um discurso de valorização do desenvolvimento do capitalismo naquele país. Como afirmou Fernand Braudel,

em um de seus textos mais célebres, “os quadros mentais também são prisões de longa duração” (Braudel, 2005, p. 50).

Ao analisar aqui a formulação de uma retórica que procurava relacionar a ascensão das igrejas reformadas e o desenvolvimento econômico capitalista, não é o objetivo deste trabalho apontar as diversas críticas já recebidas nestes mais de cem anos pela clássica tese weberiana (Musso, 2017), mas sim discutir o poder e a permanência dessa visão ao longo do tempo.

Não se pode deixar de mencionar, por exemplo, que a contraposição praticada por Weber entre, de um lado, o protestantismo de raiz calvinista e, de outro, o catolicismo, foi apropriada recorrentemente nas ciências humanas no Brasil do século XX (Monteiro, 2009). Intelectuais brasileiros e brasilianistas a adotaram, muitas vezes, como fundamento teórico para interpretações históricas e sociológicas do país e, de certa forma, da América Latina como um todo, em contraposição aos Estados Unidos. Autores paradigmáticos como Sérgio Buarque de Holanda (2006) ou o norte-americano Richard Morse (1988) carregavam, por exemplo, de maneira subjacente, em seus argumentos e conclusões, ecos da clássica bifurcação weberiana.

É imperativo destacar, entretanto, que Weber, embora tenha sido o principal disseminador dessa tese nas humanidades, em especial na sociologia, não a concebeu como uma completa novidade. Em outro sentido, o cientista social alemão pode ser considerado, não obstante, como um dos principais responsáveis por fornecer arcabouço teórico a uma concepção presente na retórica letrada ocidental ao menos desde o início do século XIX, não somente na Europa e nos Estados Unidos, mas também na América Latina. Nesse sentido, entende-se aqui que essa concepção, embora tenha sido cristalizada e disseminada, em grande medida, pelo impacto da interpretação weberiana, não se constituiu como uma tese original do autor alemão.

A partir dessas premissas, este artigo se debruçará mais especificamente sobre a obra *Lettres sur l'Amérique du Nord* [*Cartas sobre a América do Norte*] (1836), relato produzido pelo engenheiro saint-simoniano francês Michel Chevalier¹ no contexto de sua viagem aos Estados Unidos realizada entre 1833 e 1835. Emissário oficial do governo da França em terras norte-americanas com o objetivo de analisar os sistemas de transporte norte-americanos, foi um dos primeiros responsáveis, ainda na primeira metade do século XIX, por destacar possíveis

¹ Em termos político-ideológicos, Michel Chevalier foi, durante sua juventude, um ardoroso saint-simoniano, ou seja, um seguidor das ideias do conde Claude-Henri de Saint-Simon (1760-1825). Essa doutrina exaltava o trabalho e, especialmente, a “indústria” como fatores de desenvolvimento em contraposição aos valores “feudais” e “militares” legados pelo Antigo Regime.

relações entre o caráter protestante da população norte-americana e o seu desenvolvimento econômico (Kittler, 2014).

Amparado nessas questões mais gerais, este artigo busca debater como muitas das teses defendidas por Weber no início do século XX já estavam presentes nas perspectivas de Michel Chevalier sobre os Estados Unidos cerca de sete décadas antes. Analisada sob a perspectiva da “longa duração”, a célebre concepção weberiana representou não somente uma contribuição para a afirmação de uma identidade nacional norte-americana alicerçada sobre as relações entre protestantismo e estrutura social capitalista, como também foi – e, muitas vezes, ainda tem sido – utilizada como baliza para a exaltação de um pretenso sucesso econômico de países de colonização protestante em contraposição a um suposto fracasso das regiões de matriz católica, em especial na América Latina.

Industria e religião: Michel Chevalier e o saint-simonismo

Entre fins do século XVIII e inícios do século XIX, muitos europeus, em especial franceses, demonstraram grande entusiasmo pelos Estados Unidos (Darnton, 2005). De acordo com François Hartog (2015), enquanto para alguns, a república norte-americana se apresentava ora como refúgio, ora como barbárie, dada sua condição de “natureza selvagem”; para outros, se constituía como uma espécie de “laboratório da modernidade”, um “campo de experiência” capaz de oferecer uma série de lições acerca do futuro da humanidade (Koselleck, 2006). Neste segundo grupo, estava Michel Chevalier.

Dada sua formação como engenheiro e seu interesse por compreender a construção e o funcionamento de redes de transporte e comunicação, Michel Chevalier foi enviado como emissário oficial do governo francês aos Estados Unidos com o objetivo de empreender um estudo sobre as estradas de ferro e canais fluviais naquele país. Para além disso, Chevalier analisou diversos aspectos da economia, da sociedade e da política norte-americanas, entre os quais as questões religiosas.

Além de sua viagem à república norte-americana, o engenheiro saint-simoniano também esteve no México e em Cuba no primeiro semestre 1835. Como resultado de seu périplo à federação norte-americana, publicou, em 1836, o relato *Lettres sur l'Amérique du Nord*.

Lettres sur l'Amérique du Nord, de Michel Chevalier, destaca-se, em termos formais, por ser estruturado a partir do agrupamento de cartas temáticas, escritas presumivelmente entre novembro de 1833 e outubro de 1835, que podem ser lidas, a despeito de sua coerência quando tomadas em conjunto, de maneira independente umas das outras. Cada capítulo (ou *lettre*) de Chevalier se iniciava com a indicação do local e da data em que supostamente fora escrito, tratando de temas caros ao autor e indicando algumas de suas premissas a respeito de temas políticos, econômicos, culturais e sociais, não somente referentes às sociedades do Novo Mundo, mas que também podiam servir de pretexto para a constituição de análises sobre temas mais globais ou questões especificamente francesas.

Michel Chevalier não deixou grandes indícios sobre quais referências foram utilizadas para a construção de suas interpretações sobre os Estados Unidos, em particular em suas perspectivas acerca do desenvolvimento naquele país de uma sociedade protestante e industrial. É provável, entretanto, que o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* tivesse contato, já na década de 1830, com os célebres escritos de Benjamin Franklin que incentivavam, na federação norte-americana, a constituição de uma vida voltada ao trabalho, à economia e à contenção dos costumes e que décadas depois, inspirariam o próprio Weber. A visita do engenheiro saint-simoniano às manufaturas de Lowell, em Massachussetts, no início de 1835, pode oferecer uma pista nesse sentido.

Ao tratar do modo de vida na região, Chevalier afirmava que seus habitantes “escolheram Franklin como patrono de sua cidade, e o discurso do *bom homem Ricardo* como quinto evangelho” (Chevalier, 1836a, p. 332). O engenheiro saint-simoniano fazia referência, nesse excerto, à doutrina ascética difundida pelo autor norte-americano, explicitada principalmente por meio dos *Poor Richard's Almanacks*, panfletos publicados anualmente, entre 1732 e 1758, por Benjamin Franklin, assinados sob o pseudônimo de Richard Saunders ou “Poor Richard”². É sempre importante lembrar que tais escritos foram tomados, muitas vezes, como uma espécie de síntese de um *ethos* próprio dos norte-americanos, caracterizados, nessa tipificação, pelo comedimento, pela valorização das atividades úteis e pela recusa ao ócio. Os textos de Franklin se apresentariam, na perspectiva do autor de Chevalier, praticamente como um “evangelho” para os industriais norte-americanos.

² Embora no original em inglês o personagem seja “poor Richard”, opta-se aqui por “bom homem Richard”, não somente pelo fato da tradução francesa ser “bonhomme Richard”, mas porque nas versões existentes no Brasil do século XIX dos textos de Franklin, adota-se “bom homem Richard”.

Para além dessas questões, Michel Chevalier, autor de um “Avant-propos” bastante sucinto à *Conseils pour faire fortune: avis d'un veil ouvrier à un jeune ouvrier, et La science du bonhomme Richard*, de Franklin, publicado, na França, em 1848, não deixou de tratar de outros temas bastante caros ao projeto industrialista saint-simoniano nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*. De modo particular, em suas cartas, ressaltou dois elementos que considerava centrais para o desenvolvimento industrial de qualquer nação de sua época: os meios de transporte e os bancos.

Diferentemente de outros teóricos dos séculos XVIII e XIX, que defendiam uma laicidade plena e combatiam as diversas formas de profissão espiritual, Michel Chevalier pode ser relacionado a uma corrente de pensadores e letrados que se posicionavam em favor da preservação de um sentimento religioso no mundo ocidental. Formado sob os preceitos saint-simonianos, o engenheiro, bem como diversos outros seguidores do conde de Saint-Simon, afirmava o valor da manutenção desses elementos como forma de regular e promover o ordenamento moral das sociedades.

Muitos desses discípulos propunham uma nova forma de organização religiosa – não necessariamente pactuando com as igrejas tradicionais – pautada pela crença na ciência, no progresso, nas técnicas e nos avanços terrenos da humanidade. Não por acaso, a Religião da Humanidade, a mais famosa tentativa de implementação desse novo paradigma, em todo o século XIX, tenha sido defendida por um ex-secretário de Saint-Simon, o criador do positivismo Auguste Comte (Musso, 2017).

Como um dos grandes arautos dessa guinada em favor de uma nova vertente que pudesse pautar os discursos religiosos, o próprio Saint-Simon, em algumas obras escritas no fim de sua vida, como *Du système industriel [Do sistema industrial]* (1821), *Le catéchisme des industriels [O catecismo dos industriais]* (1823) e o inacabado *Nouveau Christianisme [Novo Cristianismo]* (1825), traçou as linhas gerais do que seria sua proposta, enunciada no título de seu último livro, de um “novo cristianismo”. Em sua concepção, as transformações sociais que vinham ocorrendo desde fins do século XVIII seriam signos da ascensão messiânica de uma nova “sociedade industrial”, da qual ele próprio seria o principal mensageiro.

De acordo com Saint-Simon, aproximava-se o tempo em que deveria ocorrer uma “revolução”, a ser conduzida pelos princípios da Indústria, que atingiria todos os povos da Terra. Como resultado do advento dessa nova era, a Humanidade, obedecendo as leis do progresso, viveria

feliz e em paz indefinidamente. Esse “novo cristianismo” depuraria o “velho” de seus vícios, atuando como elemento regenerador da sociedade. Nesse regime social a ser constituído, enquanto o poder temporal deveria ser exercido pelos industriais, o poder espiritual deveria ficar a cargo dos cientistas (Musso, 2017).

Mesmo após a morte de Saint-Simon, tais ideias permaneceram vivas, não somente na Religião da Humanidade de Comte, mas também em seus herdeiros intelectuais mais fiéis: os saint-simonianos, entre os quais se enquadrava Michel Chevalier. Os discípulos do conde francês entendiam, em linhas gerais, desenvolvendo as concepções de seu mestre, especialmente na obra coletiva *Doctrine de Saint-Simon* (1830), que o “novo cristianismo” proposto pelo grupo deveria configurar-se como uma espécie de restauração da unidade entre a religião e a política, o poder espiritual e o temporal e a Ciência e a Indústria sob uma perspectiva renovada. Tratava-se, de certa forma, para esses teóricos, de, ao mesmo tempo, laicizar o sagrado e sacralizar o laico (Musso, 2017).

Protestantismo e indústria nos Estados Unidos

Envolvido por essas questões, Michel Chevalier, durante sua viagem aos Estados Unidos, dava um novo tom a essa problemática. O autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* não somente estabelecia a importância da “religião industrial” que pautava seu relato, mas também evidenciava, diferentemente de outros autores inspirados pela obra de Saint-Simon, o valor das doutrinas tradicionais como fator essencial para o ordenamento moral, a coesão social e o desenvolvimento das nações.

Dessa maneira, em sociedades cada vez mais transformadas pela ascensão de novas classes ao mundo da política, apenas a presença de um sentimento religioso poderia servir de amálgama para a manutenção dos laços sociais. Concordando com a célebre assertiva do filósofo iluminista Voltaire (“*si Dieu n’existait pas, il faudrait l’inventer*” [“se Deus não existisse, seria preciso inventá-lo”]), Michel Chevalier, de maneira bastante pragmática, entendia, a religião como uma necessidade política, particularmente por atuar como fator de coesão e ordenamento social (Chevalier, 1836b, p. 327). Desta forma, não recusavam catolicismo como elemento importante para a França, bem como destacava a profunda correlação entre o rápido avanço econômico dos Estados Unidos e o protestantismo enraizado naquele país.

Ao fazer esse movimento, não afirmava a existência de uma única forma de organização capaz de favorecer a valorização do trabalho, mas defendia que cada nação deveria se guiar por seus próprios valores, respeitando suas peculiaridades, especialmente as religiosas.

Embora não se voltasse contra as formas hierárquicas de organização social, mais vinculadas aos países de formação católica como o seu, defendia que o protestantismo favorecia determinados valores associados não somente ao desenvolvimento do trabalho, mas também à democracia e à liberdade. Afirmava, nesse sentido, que “[...] entre o povo dos Estados Unidos, descendente da raça inglesa, e imbuído do protestantismo até a medula dos ossos, o princípio de independência, de individualismo, de concorrência, enfim, devia ser bem-sucedido” (Chevalier, 1836b, p. 124).

Michel Chevalier localizava as origens de uma sociedade democrática nos Estados Unidos na formação histórica da Nova Inglaterra, nascida a partir da chegada dos “pais peregrinos” (*pilgrim fathers*), fugitivos das perseguições religiosas que haviam ocorrido na Grã-Bretanha entre os séculos XVI e XVII. A organização política norte-americana, tal como se constituía no início do século XIX, seria resultado, nessa argumentação, principalmente da defesa da liberdade de culto promovida ainda durante o período colonial. Segundo Chevalier, “quando o ianque veio se estabelecer na América, não foi para criar ali um império, foi para estabelecer ali sua igreja” (Chevalier, 1836b, p. 218).

Para um viajante e observador arguto, coevo a Chevalier, como Alexis de Tocqueville, por exemplo, ao fugirem das perseguições religiosas que tiveram palco na Europa séculos antes, os “peregrinos” tomados pelo desejo de liberdade e pela valorização da autoconsciência individual teriam lançado as bases da política republicana e democrática nascida pós-Independência. Nas palavras do aristocrata francês:

A maior parte da América inglesa foi povoada por homens que, depois de terem se furtado à autoridade do papa, não se haviam submetido a nenhuma supremacia religiosa; eles levavam, pois, ao novo mundo um cristianismo que eu não poderia pintar melhor do que chamando-o democrático e republicano. Isso favorecerá singularmente o estabelecimento da república e da democracia nos negócios. Desde o princípio, a política e a religião estavam de acordo, e desde então não deixaram de estar (Tocqueville, 1998, p. 338).

Seguindo uma perspectiva similar à adotada no excerto acima por Tocqueville, Michel Chevalier afirmava que nos Estados Unidos: “[...] a religião presidiu a exaltação das classes inferiores. O movimento democrático dos Estados Unidos tem seu ponto de partida no puritanismo” (Chevalier, 1836b, p. 289).

É importante destacar que, na perspectiva de Chevalier, ao promover o amálgama entre a Cidade e a Igreja, o protestantismo teria se constituído não somente como o alicerce sobre o qual teria sido edificada a democracia norte-americana, mas também teria contribuído para a formação de uma sociedade completamente voltada ao mundo do trabalho.

Antes de se debruçar com mais vagar sobre a interpretação de Michel Chevalier a respeito das relações entre protestantismo e desenvolvimento econômico na jovem república, parece importante destacar que, mesmo considerando a presença das igrejas protestantes na América do Norte desde o século XVII, costuma-se conceber a primeira metade do Oitocentos como um período marcado por um intenso revivalismo religioso nos Estados Unidos. Em certa medida funcionando como uma resposta calvinista ao iluminismo e às ideias liberais mais associadas aos costumes sociais, constituiu-se como um processo vasto que mobilizou uma gama de pregadores e teólogos das diversas regiões do país, resultando em um movimento de feições que variaram de acordo com cada seção específica do território norte-americano. Nas regiões de fronteira e no sul do país, difundiram-se, por exemplo, práticas mais emotivas que enfatizavam os sentimentos de piedade e moralidade individual. Na Nova Inglaterra, por outro lado, realizavam-se cultos mais contidos, alicerçados fortemente nas tradições puritanas. Entre esses últimos, defendiam-se, além disso, reformas sociais que fossem capazes de extirpar os “pecados coletivos” da sociedade norte-americana como o alcoolismo e, para alguns setores do protestantismo, também a escravidão (Murrin, 1990).

Tomado, muitas vezes, como uma resposta aos valores da ciência, do progresso e de um mundo mecanizado nascente, esse revivalismo religioso do início do século XIX era não obstante, interpretado por Michel Chevalier de outro modo. Na obra *Lettres sur l'Amérique du Nord*, o autor aponta que esse fenômeno não devia ser concebido como um sintoma das novas condições materiais e, conseqüentemente, ideológicas promovidas pelas transformações das práticas capitalistas nos Estados Unidos, mas, ao contrário, constituía-se, possivelmente como uma das causas fundamentais de seu desenvolvimento.

Na “utopia industrial” concebida por Michel Chevalier, parece importante destacar que o trabalho ocupava, como já destacado anteriormente, um papel protagonista nos Estados Unidos. Concebidos como pessoas apaixonadas pela labuta, voltadas ao comércio, à agricultura e, mais recentemente, às manufaturas, os norte-americanos despertavam a admiração e a curiosidade do autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*. Em sua definição: “O americano é um trabalhador-modelo [...]. Todo Americano tem a paixão do trabalho e tem mil meios de satisfazê-la” (Chevalier, 1836b, p. 233).

Sobre esse aspecto, Michel Chevalier evocava, em seu relato sobre os Estados Unidos, algumas questões que viriam a se tornar essenciais posteriormente em Weber, em especial as discussões do autor alemão em relação às práticas calvinistas vinculadas à “ascese intramundana”. Contrapondo-se a uma perspectiva materialista, o autor de *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo* afirmava a existência de uma vinculação entre os valores protestantes, em especial aqueles defendidos pelas igrejas reformadas de inspiração calvinista³, e o desenvolvimento do capitalismo. Na defesa de sua tese, o sociólogo alemão considerava como essencial em sua argumentação a compreensão dos fundamentos da “ascese cristã”, prática egressa do período medieval, mas que ganhou novos significados após as reformas religiosas do século XVI. Na definição weberiana,

[A ascese cristã] tornara-se um método sistematicamente arquitetado de condução racional da vida com o fim de suplantar o *status naturae*, de subtrair o homem ao poder dos impulsos irracionais e à dependência em relação ao mundo e à natureza, de sujeitá-lo à supremacia de uma vontade orientada por um plano, de submeter permanentemente suas ações à auto-inspeção e à ponderação de sua envergadura ética, e dessa forma educar o monge — objetivamente — como um operário a serviço do reino de Deus e com isso lhe assegurar - subjetivamente - a salvação da alma (Weber, 2004, p. 108).

De acordo com Weber, enquanto na Idade Média a ascese cristã se caracterizaria por sua prática “extramundana”, ou seja, pelo ato de se retirar do mundo secular e pela adoção de uma vida monástica; no âmbito da Reforma Protestante, especialmente em seus desdobramentos calvinistas, a ascese deveria se transformar em uma vivência “intramundana”, a ser experienciada no mundo secular e, principalmente, na esfera profissional. Nas palavras de Weber, no calvinismo, “cada cristão devia ser um monge ao longo de toda sua vida” (Weber,

³ As igrejas “calvinistas” ou “reformadas” foram resultado da chamada Reforma Calvinista, ocorrida na primeira metade do século XVI e encabeçada pelo francês radicado em Genebra, João Calvino (1509-1554). Constituíram-se como denominações de inspiração claramente calvinista, entre outros grupos, os huguenotes na França, os puritanos na Inglaterra e os presbiterianos na Escócia (Marshall, 2017; Chaunu, 1975).

2004, p. 110). Seu principal resultado fora, nesse sentido, a constituição de um modo de vida pautado pelo individualismo, por uma relação entre as ideias de profissão e vocação e pela centralidade do trabalho no cotidiano de seus prosélitos.

Não se tratava para esses grupos, como no catolicismo, de transformar a labuta diária em uma forma de obter a salvação, mas, ao contrário, sob a argumentação da predestinação divina, de evidenciar na Terra sua condição de escolhidos. Premissas como a não condenação do lucro, a defesa de uma vida sóbria e a concepção da prática do ofício como a melhor forma de glorificar a Deus entre os homens; teriam servido de combustíveis para uma consolidação mais orgânica do capitalismo nas regiões influenciadas pelo protestantismo calvinista, entre as quais a Nova Inglaterra, um dos berços fundadores dos Estados Unidos. Agindo sob a influência desses princípios, os seguidores dessas vertentes religiosas eram contrapostos por Weber (2004), principalmente, aos egressos de regiões culturalmente mais vinculados ao catolicismo e a setores do protestantismo menos radicais em relação à prática do ascetismo intramundano como, por exemplo, o luteranismo e o anglicanismo.

Partindo de pressupostos bastante similares aos de Weber, Chevalier destacava, em *Lettres sur l'Amérique du Nord*, a centralidade da ideia de profissão entre os norte-americanos. Essa premissa, nascida de uma concepção protestante que associava trabalho, vocação e glorificação a Deus na Terra; atribuía ao ofício um papel essencial na vida cotidiana e considerava a ociosidade como uma prática a ser combatida. Contrapondo as ideias de profissão e ociosidade nos Estados Unidos, Chevalier entendia que:

O Americano é educado nessa ideia, de que ele terá uma situação, que ele será agricultor, artesão, manufatureiro, comerciante, especulador, médico, homem de lei ou de igreja, talvez tudo isso sucessivamente, e que, se é ativo e inteligente, ele chegará à opulência. Ele não se concebe sem profissão, mesmo que ele pertença a uma família rica, pois ele não vê ociosos em torno dele. O ocioso é uma variedade da espécie que o homem [sic] do Norte, o ianque, não supõe a existência; pois ele sabe que, rico hoje, seu pai poderá estar arruinado amanhã (Chevalier, 1836b, p. 117).

Em determinado momento de seu relato, observando, particularmente, as práticas sociais da industriosa cidade de Cincinatti, no Estado de Ohio, Michel Chevalier afirmava a existência de perseguições políticas e religiosas não somente contra os “ociosos”, mas também contra aqueles que demonstravam necessitar de distrações cotidianas para suportar uma vida completamente voltada ao trabalho. Segundo o viajante, apresentavam-se a essas pessoas, nesse contexto, basicamente três opções: adaptar-se ao modo de vida imposto nesses lugares; ou fugir para a

Europa ou procurar, para viver, regiões menos rígidas nos próprios Estados Unidos, particularmente algumas cidades do litoral como, por exemplo, Nova York, Filadélfia ou Nova Orleans (Chevalier, 1836a).

Segundo o viajante saint-simoniano, mesmo aqueles que possuíam rendas suficientes para sobreviver mantinham seu devotamento ao trabalho, pois não havia como não seguir a norma preponderante da sociedade norte-americana sem sofrer algum tipo vigilância (Chevalier, 1836a, p. 340). Chevalier destacava, nesse sentido, um tópico que seria discutido, posteriormente, em meados do século XX, pelo sociólogo francês Jacques Donzelot (1980): o papel essencial desempenhado pelas associações filantrópicas e religiosas para a manutenção desses costumes e da ordem social.

As sociedades filantrópicas e religiosas atuavam nos Estados Unidos, de acordo com o relato de Michel Chevalier, como “sentinelas vigilantes” dos costumes, atuando, muitas vezes, com “fanatismo puritano”. Agiam não somente em favor da constituição de uma sociedade plenamente voltada ao mundo do trabalho como forma de glorificação a Deus, mas constituíam-se como adversárias privilegiadas do ócio, arbitrando as práticas sociais e perseguindo o que consideravam ser elementos de dissolução moral como o álcool e o jogo. Guardiãs da “estrita observância das austeridades”, esses comitês serviam, entre outras coisas como protetoras dos “entediantes domingos”, marcados pela reclusão e pela recusa às distrações pueris (Chevalier, 1836a, p. 342).

Característica que chamou a atenção de diversos viajantes, europeus ou latino-americanos que estiveram nos Estados Unidos em meados do século XIX (Franco, 2018), a vida cotidiana dos norte-americanos no primeiro dia da semana era exemplar a esse respeito. Segundo o Chevalier, “nada é mais lúgubre que o sétimo dia [sic] nesse país”, pois obrigado a: “[...] abster-se de todo divertimento, de toda distração, música, cartas, dados ou bilhar, sob a pena de sacrilégio”, só restaria ao ascético estadunidense esperar o início da semana para retomar sua lida. Tratando da questão com uma pitada de sarcasmo, o viajante francês entendia que “após semelhante domingo, o trabalho da segunda-feira é um passatempo delicioso” (Chevalier, 1836b, p. 118).

De acordo com o relato do engenheiro saint-simoniano, os norte-americanos, ao contrário de povos de outras nacionalidades, não somente não vaticinavam contra a promoção e o cumprimento regular dessas medidas, mas, ao contrário, se submetiam a elas, na maior parte

das vezes, de bom grado e sem murmurar. Em síntese, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* afirmava sobre os norte-americanos que:

Os hábitos [dos norte-americanos] são aqueles de um povo exclusivamente trabalhador. Desde o momento em que se levanta, o Americano está no trabalho. Ele se absorve nele até a hora do sono. Ele não permite que os prazeres o venham distrair; apenas os negócios públicos têm o direito de retirá-lo alguns momentos de seus negócios privados. O instante da refeição não é para ele um repouso em que ele abstrai seu cérebro fatigado no seio de uma doce intimidade. Não é nada mais que uma desagradável interrupção em sua tarefa; interrupção que ele aceita, porque é inevitável, mas que ele resume o quanto for possível. Se a política não reclama, à noite, sua atenção; se não é convocado à nenhuma deliberação, à nenhuma prece, permanece em casa, pensativo e olhos fixos, recapitulando as operações do dia, ou preparando as do dia seguinte (Chevalier, 1836b, p. 118).

Ocupados por um cotidiano voltado para o trabalho, sem distrações ou divertimentos, mesmo em seus dias de folga, e plenamente envolvidos pela moral puritana, os habitantes dos Estados Unidos teriam, na descrição de Michel Chevalier: “todas suas faculdades admirável e energicamente combinadas para a produção” (Chevalier, 1836a, p. 343).

Parece importante destacar aqui uma relação evidente entre as descrições e concepções de Michel Chevalier sobre a sociedade norte-americana e as teses fundamentais defendidas por Max Weber em *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Os excertos acima não deixam de funcionar, de certa forma, como exemplos daquilo que Weber conceituou, em sua obra clássica, como “ascese intramundana”. Em linhas gerais, ambos descreveram os protestantes de linhagem puritana como defensores de um cotidiano completamente voltado ao mundo do trabalho, compreendido, ao mesmo tempo, como vocação, indício de predestinação e melhor forma de se glorificar a Deus na Terra. Esse comportamento vinha acompanhado, além disso, da recusa de toda e qualquer forma de distração e prazer (Weber, 2004).

Mesmo demonstrando certo estranhamento em relação aos costumes nos Estados Unidos, pode-se dizer que Michel Chevalier acalentava uma grande admiração pelos norte-americanos, afirmando uma profunda relação entre seu modo de vida específico, sua organização social e suas “proezas industriais”. Segundo ele:

Uma semelhante organização é incomparável para um povo pioneiro. Sem essa febre de trabalho, sem essa tensão perpétua do espírito em direção às empresas úteis e as especulações; sem essa indiferença pelos prazeres, sem essas ideias políticas e religiosas que reprimem imperiosamente todas as paixões para as quais a meta não é trabalhar, produzir, ganhar, acreditar-se-ia que os Americanos teriam cumprido suas proezas industriais? (Chevalier, 1836a, p. 344).

A partir da concepção de Michel Chevalier, pode-se dizer que a “febre de trabalho” e as “ideias políticas e religiosas” predominantes nos Estados Unidos direcionavam todas as energias; ou, para utilizar um termo weberiano, todo o “espírito” do país, no sentido das “empresas úteis”, reprimindo quaisquer “paixões” que pudessem desviá-los do sentido da produção e do ganho. Dessa forma, o francês afirmava uma relação intrínseca entre os costumes dos norte-americanos, em grande medida guiados pela moral protestante, e o rápido avanço industrial da federação.

Como uma espécie de laboratório da modernidade, o país da América do Norte se configurava, nesse sentido, como um paradigma a ser analisado com bastante cuidado e atenção pelos observadores do Velho Continente, em especial por aqueles preocupados com o porvir da humanidade. Partindo dessa premissa, é curioso notar, no que se refere às relações entre religião e desenvolvimento industrial nos Estados Unidos, a incorporação no discurso de Michel Chevalier de aspectos que associavam a predestinação divina, eixo articulador da doutrina puritana, aos destinos nacionais norte-americanos.

O engenheiro saint-simoniano defendia a realização de viagens aos Estados Unidos que privilegiassem não o itinerário pitoresco, mas os interesses industriais. De acordo com essa concepção, em vez de ser realizada por pessoas descompromissadas, os périplos ao país da América do Norte deveriam ser completados principalmente por aqueles que conferissem “algum valor aos interesses do futuro”. A esse respeito, vaticinava que os estrangeiros que fossem à industriosa república deveriam estar atentos, entre outras coisas, à sua capacidade de cumprir “a missão que lhes confiou a Providência, missão de povo pioneiro e desbravador”. Concluía também que os norte-americanos, indivíduos completamente voltados ao trabalho, à produção, ao ganho e conseqüentemente, à indústria, “certamente merecerão o reconhecimento da posteridade [...] para a qual eles preparam, com tanta energia e sagacidade, um cotidiano de abundância; uma terra prometida” (Chevalier, 1836a, p.344).

No mesmo sentido das assertivas acima, Michel Chevalier declarava ainda que:

A especulação e os negócios, o trabalho e a ação, eis, pois, sob diversas formas, a especialidade que os Americanos escolheram e à qual eles se devotam com um ardor que mantém com obstinação. Era a que eles deveriam adotar, a que lhes havia atribuído o dedo da Providência, para que a civilização fosse, com o menor atraso possível, colocada em posse de um continente (Chevalier, 1836a, p. 108).

Nessa retórica, o “futuro” dos Estados Unidos desenhava-se praticamente como “destino”, resultado de um desígnio estabelecido previamente pela “Providência”. A América do Norte era, enfim, a “Terra Prometida” onde jorrava “leite e mel”, paraíso dos homens trabalhadores e religiosos comprometidos com a causa da indústria.

Para concluir, parece importante sublinhar algumas questões. Em primeiro lugar, Michel Chevalier concebia os Estados Unidos como um dos candidatos a ocupar um lugar de destaque entre as nações mais importantes do mundo. Além disso, eram interpretados, de maneira geral, como um laboratório privilegiado para a realização de experiências políticas e econômicas capazes de anunciar os caminhos da modernidade. Em outras palavras, a viagem ao país dos ianques não deixava de representar, para muitos europeus, uma forma de apreender as possibilidades de futuro que se apresentavam à humanidade em meados do século XIX (Hartog, 2013).

Em segundo lugar, é fundamental ressaltar a presença, no relato de Michel Chevalier, de uma retórica que flertava, ao mesmo tempo, com aspectos míticos da construção de uma identidade nacional norte-americana e com perspectivas utópicas defendidas pelo saint-simonismo. Mesclando essas duas referências básicas, Chevalier reproduzia, em seus textos, concepções que compreendiam os Estados Unidos como uma espécie de “Terra Prometida”, destinada a cumprir no mundo uma “missão” ou, nas palavras do próprio autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, um “destino”. Esse discurso, capaz de ampliar o escopo da tese da predestinação divina do plano individual para o nacional, ia além da pregação da salvação pessoal, afirmando os estadunidenses como um “povo eleito” (Bercovich, 1978).

Sobre esse aspecto, não se deve esquecer, entre outras coisas, a profunda relação entre tais ideias e a doutrina do “Destino Manifesto”, que concebia a predestinação dos Estados Unidos ao domínio sobre toda a América do Norte, justificando, no século XIX, sua expansão em direção ao Oceano Pacífico (Junqueira, 2018; Weiberg, 1965). Ao mesmo tempo, sob uma perspectiva saint-simoniana e utópica, a república norte-americana configurava-se também como espécie de “paraíso industrial” habitado por homens trabalhadores, religiosos e promotores de um novo modelo social (Musso, 2017).

Considerações finais

Ao conferir importância central ao protestantismo e ao defender o ideal saint-simoniano, evidenciava-se, nos textos de Michel Chevalier uma profunda relação entre o industrialismo e o providencialismo na compreensão do desenvolvimento econômico dos Estados Unidos, resultando em um discurso no qual concepções socioeconômicas, utopias e mitos se mostravam como elementos intrinsecamente vinculados.

A construção de uma imagem dos Estados Unidos como uma nação predestinada a se constituir como o “povo eleito”, imbuído das doutrinas protestantes e, em razão disso, inteiramente voltado ao trabalho e à produção, se constitui, portanto, como um dos tópicos centrais para se compreender a formulação de uma identidade nacional norte-americana. Para além desse paradigma do qual lançaram mão alguns dos *founding fathers* do século XVIII, entre os quais o mais célebre foi certamente Benjamin Franklin, essa “mitologia da nação” não deixou de ser alimentada por autores estrangeiros como Michel Chevalier ou Max Weber. Na busca por tentar explicar o futuro da indústria ou a origem do capitalismo, contribuíram por difundir uma relação causal entre vivência religiosa e atividade econômica.

Como dito anteriormente, essa percepção não se restringiu somente à exaltação dos Estados Unidos (antes mesmo de que estes se tornassem a grande potência do mundo), mas foi utilizada também, em particular em suas versões mais vulgarizadas, para explicar um pretenso fracasso político, social e econômico da “católica” América Latina. Essa interpretação, muito difundida em nosso continente, em especial ao longo do século XX, contribuiu, muitas vezes, com a adoção de respostas fáceis para se pensar as diferenças entre estadunidenses e latino-americanos. Da mesma forma, alimentou estereótipos, estabeleceu hierarquias e obliterou questões de outras ordens, tão ou mais fundamentais para se compreender realidades tão complexas e diversas como as existentes nas Américas.

Referências

AZEVEDO, Cecília. “A santificação pelas obras: experiências do protestantismo nos EUA”. **Tempo**, Niterói-RJ, vol. 6, núm. 11, jul./2001, pp. 111-129.

- BRAUDEL, Fernand. “História e ciências sociais: a longa duração”. In: **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BERCOVICH, Sacvan. **The American Jeremiad**. Madison: University of Wisconsin Press, 1978.
- CHAUNU, Pierre. **O tempo das reformas (1250-1550)**. Lisboa: Edições 70, 1975.
- CHEVALIER, Michel. **Lettres sur l’Amérique du Nord**. Vol. 1. Paris: Charles de Gosselin Éditeur, 1836a.
- CHEVALIER, Michel. **Lettres sur l’Amérique du Nord**. Vol. 2. Paris: Charles de Gosselin Éditeur, 1836b.
- DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- DONZELOT, Jacques. **A política das famílias**. Rio Janeiro: Graal, 1980.
- FRANCO, Stella Maris Scatena. **Viagens e relatos: representações e materialidades nos périplos latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX**. São Paulo: Intermeios, 2018.
- FRANKLIN, Benjamin. **Conseils pour faire fortune: avis d’un veil ouvrier à un jeune ouvrier, et La science du bonhomme Richard**. Paris: Jules Renouard et Cie., 1848.
- HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- JUNQUEIRA, Mary Anne. **Estados Unidos: Estado nacional e narrativa da nação (1776-1900)**. São Paulo: Edusp, 2018,
- KITTLER, Juraj. “Michel Chevalier and the Saint-Simonian legacy: early roots of modern cross-national comparative communication research”. **The International Communication Gazette**, 2014, vol. 76, n. 33, pp. 296–315.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006
- MARSHALL, Peter. **Reforma protestante: uma breve introdução**. Porto Alegre: LP&M, 2017.
- MONTEIRO, Pedro Meira. “As raízes do Brasil no espelho de Próspero”. **Novos Estudos Cebrap**, 83, março de 2009, pp. 159-182.
- MORSE, Richard. **O espelho de Próspero: cultura e ideias nas Américas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

- MURRIN, John M. "Religion and politics in America from the first settlements to the Civil War". In: NOLL, Mark A. (org.). **Religion and American politics: from the colonial period to 1980s**. Nova York: Oxford University Press, 1990.
- MUSSO, Pierre. **La religion industrielle: monastère, manufacture, usine – une généalogie de l'entreprise**. Paris: Fayard, 2017, pp. 243-257.
- NOLL, Mark A. (org.). **Religion and American politics: from the colonial period to 1980s**. Nova York: Oxford University Press, 1990.
- SCHUMWAY, Nicolás. "Estados Unidos da América: alegorias sobre o apocalipse nos discursos sobre a nação". In: PRADO, Maria Ligia Coelho & VIDAL, Diana Gonçalves (orgs.). **À margem dos 500 anos: reflexões irreverentes**. São Paulo: Edusp, 2002, pp. 219-232.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da (org.). **Uma nação com alma de igreja: religiosidade e políticas públicas**. São Paulo: Paz e Terra, 2009
- TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América: leis e costumes**. Livro I. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 338.
- WEINBERG, Albert K. **Destino manifesto: el expansionismo nacionalista en la historia norteamericana**. Buenos Aires: Paidós, 1965.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Recebido em 2023-10- 18

Aprovado em 2023-12-22

Publicado em 2023- 12 -30